

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina da capa.

MODAS.



Grandes são os apuros em que me vejo nesta semana de tantas festas e bailes vespera de outros tantos bailes e festas! Ainda mal desperto da noite de um esplendido saráu, outro que já se aproxima, um jantar para o dia seguinte, um passeio ao Jardim Botânico e uma *soirée*, na volta; mais um baile de beneficencia a que não posso faltar, mais outro, um casamento, uns annos de estrondo, e o dia da Gloria! e o baile do Sr. Barão de Merety! e as liudas joias da exposição do Sr. C. Valais, e as sedas, e os enfeites, e o meu *toilette* para hoje, para amanhã, para depois, para toda a semana de bailes — e o artigo para o *Jornal das Senhoras* e a descripção dos figurinos!... Misericordia meu bom Deus, ainda não cuidei disto se não agora! Que boas contas não darei eu...!

Qual! isto não vai hoje: neste momento principio, e já não posso continuar! Agora são as amigas do peito que me não deixão um instante. Vão vendo só isto: — Christina, vem comigo ver a seda do meu vestido, hoje á noite sem falta. (La irei) — Christina, manda-me dizer se esse collar que te envio é de bom gosto para o baile. (E' magnifico) — Não te compromettas, que eu vou te buscar ao meio dia para vermos as joias da exposição. (Pois sim) — Christina, estou afflictiissima, a Barat já não pôde aceitar o meu

vestido para fazer, oh! isto é barbaro! vê se te empenhas com ella para que m'o aprrompte ainda que seja para a mesma noite do baile, até 10 horas. (Pois vou escrever já á M.^{mo} Barat). — Christina, tenho um vestido verde claro e outro côr de rosa, com rendas pretas, qual dos dous, minha amiga, devo escolher para terça feira? (o côr de rosa se não preferires o verde claro) — Christina, estou ardendo! chegou por este vapor um vestido de encomenda para mim, é muito bonito, mas é escuro, que raiva! o que diz o teu bom gosto? (Nada que te desconsolle) — Manda-me dizer que tal esteve a *soirée* do Bevilaqua, a Hortensa é quem me está fazendo o vestido. (Estimo. O *soirée* esteve deliciosissimo) — Quaes são as sedas de que fallaste no artigo de domingo passado? explica-me por extenso para saber o que devo fazer nesta occasião em que todos escolhem o que ha de melhor. (Vai á casa de Walderstein, que lá as encontrarás todas.)

Ora isto é um nunca acabar, querido leitora! Tenho recebido já não sei quantas duzias de bilhetes, e ainda neste momento os estou recebendo aos dous e tres de cada vez! Se elles ao menos fossem como as cartas que recebia um antigo magistrado, que só as abria oito dias depois, ainda me darião tempo para despachal-os; mas tenho-os de abrir logo, e são terminantes, exi-

gem uma resposta immediata, bem se sabe como todas nós somos quando queremos ser servidas; e se eu não servir ás minhas amigas ao menos nestas occasiões, entendo que se me poderia repetir o antigo rifão: — *faca que não corta, amigo que não serve, que se peção pouco importa* — o que é muito justo, na minha humilde opinião, pois que repravo as amizades de papel pintado, muito riso, muito fingimento na prosperidade, e na desgraça, e nada, até chegar a perder a vista e o uzo de ouvir, os taes risonhos amigos folgasões do bom tempo!

Já vêdes, querida leitora, por esta franca exposição que vos faço, quanto tem sido animada, divertida, trabalhosa, interessante, atrapalhada, incommoda e alegre, esta semana para mim: avaliai por tanto o que ella terá sido para o mundo elegante, para essa luzente roda do bom-tom que gira sem cessar pelos assetinados salões da corte, e que lhes sente e aprecia seus movimentos! Avaliai, avaliai o que terá sido a semana que annuncia um baile de primeira ordem honrado por Suas Magestades Imperiaes, onde as galas vão ostentar-se no requinte de seu luxo fascinador — um baile de beneficencia de grande influencia — e a sempre animada e concorrida festa de N. S. da Gloria!

E esse annuncio electrico não abalou sómente o tocador burnido do mundo elegante, percorreu um circulo immenso, invadiu o interior de todas as casas; e o pobre e o rico despertarão a um tempo, porque para todos elles ha um incentivo, um divertimento geral, que os distrai, que

os enleva, que os occupa sollicitos nos preparos de suas galas.

Relatar-vos o movimento das modas nesses dias de preparativos para grandes funcções seria vencer uma difficuldade á custa da vossa paciencia obrigando-vos a ler um artigo sem fim; basta dizer-vos, para dar-vos uma pequena idea da influencia da festa da Gloria este anno, que só de vestidos mandados fazer as modistas da rua do Ouvidor, devem ficar promptos, até terça-feira proxima, — quatrocentos e quarenta e seis. Se a conta é excessiva, não vos admireis do numero, ride-vos antes da minha curiosidade, no meio de todas as distracções e inconvenientes que me cercarão, de andar de porta em porta tomando nota dos vestidos que se preparavão para esse dia.

Estou que só para domingo poderei dar-vos noticia de alguns, não de todos, os mais ricos e graciosos desses *toilettes* da grande festa. E por hoje, querida leitora, basta de escrever, que não sei como pude chegar até aqui. Escrevi aos boquadinhos, como se fosse um estudante tomando notas de significados, e deu graças a Deus de mal ou bem ter dado conta da tarefa.

Olhe se não tenho finalizado o artigo! Ah! vou á sala receber uma visita que chegou; hade ser mais outra amiga que vem mostrar-me alguma cousa bonita que comprou.

Adeus, querida leitora, então até domingo.

Christina.

Cattete, 12 de Agosto.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUARIO DE ESTAR EM CASA. — Cabellos ondados em bandós fofos e uma meia touca de renda e fita.

Vestido de nobreza verde-claro, todo coberto de tiras de veludo preto, como que formando um segundo vestido. Estas tiras de veludo são todas presas umas ás outras por alamares pretos de cima abaixo, em distancias proporcionadas, e assim fórma a saia e o corpo.

Corpo de basquine com *écharpe*: (são as duas bandas de tafetá verde, talhadas em ponta, que descem da basquine sobre a saia, adiante) enfeitado da mesma fórma que a saia.

Mangas d'acucena, de tafetá verde enfeitadas de duas largas tiras de veludo, presas entre si, tambem por alamares.

Sub-mangas de folhos e fofos de punho abotoado, de renda *maline*.

Collarinho largo, de renda *maline*.
E' de muita novidade e delicadissimo este vestuario.

VESTUARIO DE PASSEIO. — Chapéo de palha enfeitado de fita: bandós chatos de cabello ondedo.

Vestido de tafetá violeta, guarnecido de dous largos folhos recortados a ferro, enfeitados de folhagem solta de veludo.

Mantelete-chale enfeitado pelo mesmo gosto, e todo guarnecido de uma ordem de renda *quipure* preta.

Collarinho de ponto d'alençon.
Umbella de tafetá escarlate.

CHRONICA DOS SALÕES.

Já lá vão tres semanas que a Franchina não dá signaes de vida ás suas amaveis e sempre queridas leitoras! E no entanto, nessas tres semanas,

como tem sido admiravel o movimento da nossa elegante sociedade, os seus agradaveis e bellos passatempos?! E impacientes, quem sabe? tal-



Julien David

Grévy

LE MONITEUR DE LA MODE

Éditeur: M. Denot Giffard, Annonciateur Ducarre, Libraire et Coiffeur de P. Coixat rue Richelieu, St. Pierre, Camille Duchateau, L. Manis, Robineau et Assomenteur de Richemot, Bayard, L. Comès et rue de la Paix, M. Corset de M. Hippolyte, Commissionnaire de L. M. L'Impératrice, M. Boncheur de Chapron, Rue de la Paix, M. Pajou, M. Gault, Coiffeur de M. Roger, Saboulier, Rue Richelieu, 123.

Paris, Rue Richelieu, 52.

LONDON, at the Moniteur Office 21, street Street Lane, NEW-YORK, E. B. Strong 87



Reproduction interdite sans autorisation

vez as nossas leitoras hajão buscado as occorrenças do mundo *fashionable* na *Chronica dos Salões*? Mas, como historicar todos esses divertimentos, se a vossa Francina, em lugar de se conservar na corte para vos contar tudo quanto de bello se passa na nossa vida elegante, se embrenhou pelas selvas, eufeticando-se com o mavioso canto do sabão? E a *Yastal* deu o seu baile; a *Campes* e tambem; a *Phif Euterpe* a sua harmoniosa partida; a *Sylphide* o seu festejo de anniversario; e tudo isso passou sem que a Francina vos dissesse uma unica palavra! E agora? Já é todo sabido: todos os *chronistas* já reletarão esses bellos passatempos; e só lhes escapou a brilhante *sonet* de um respeitavel Doutor que mora na rua do Vallongo. Por Deus! que já me parece ouvir-vos perguntar — onde é essa rua? — E' uma rua que depois de baptizada, foi crismada, e hoje se chama rua da Imperatriz. — E o que ha nisto de novidade? A gente velha não quer ser moça, e para isto não se proebra disfarçar os signaes da antiguidade? Fois bem, hoje nada existe de Vallongo; essa rua tem um nome muito mais bonito; e foi ali, n'uma grande casa, que ha dias passados houve uma bella funcção, onde lindas e interessantes senhoras fascinavam com os seus encantos, primando entre ellas o formoso *toilette* azul de seda da India, corpinho decotado sobre uma camisinha branca; penteado simples enfeitado com adornos de veludo preto.

O que tem havido de mais bello durante esta semana ha sido as lindas e formosas noites de luar. O silencioso e peregrino astro da noite tem encantado com a doce e terna melancolia de seus argenteos raios; e se aqui no centro da cidade, a iluminação á gaz nos tem furtado o briliantismo da silenciosa lua; em qualquer dos vossos arrebaldes, por entre a verdura dos bosques, na corrente do rio, no perfume das flores, ou no beijo das ondas no seu descanço das praias, a lua tem estado mais que formosa, com o seu lindo e claro manto — todo elle mysterioso e fascinador!

E esta? ninguém dirá que não tenho minha queda para poetisar! Muito bem; se for assim, talvez chegue algum dia a compor o meu versinho.

Queria reletar mais alguma occorrença ás minhas leitoras, porém receio dar-lhes maçada; e por isso só direi que sabbado passado o *Cassino Commercial* deu o seu baile mensal, que foi mais concorrido do que o do *Recreio da Mocidade* que tambem deu na mesma noite.

E que bella não será a noite de hoje? O baile de Beneficencia Portugueza foi e será sempre uma das grandes novidades do mundo elegante.

Minhas leitoras, até domingo.

Francina Osenia.

12 de agosto de 1854.

A ROSA DO SEPULCHRO.

POR D. M. DE O. QUINTANA.

I.

A VESPERA DE S. JOÃO.

E elle disse:—Ves o Céu?
E ella disse:—Vejo sim;
Mais polido que o polido
Do meu véo azul setim.
Torna-lhe elle. Oh! quanto é doce
Passar-se uma noite assim!
G.. DIAS.

Era alta noite.

A Gaaraliba repousava em paz tranquilla no seu dormir de criança. Brisas amorosas passavam suspirando por entre as meigas flores de seus vistosos prados e por sobre as agnas das solitarias cachoeiras.

Por entre os jaquetibás e as palmeiras dos seus altos montes, o genio da solidão trantizava errante infundindo, em toda a extenção dos bosques, um melancolico silencio, que não era perturbado senão pelo piar de algumas merencorias aves, e pelo silvar do cascavel.

A lua, reflectindo seus pallidos reflexos, reproduzia-se no fundo dos ribeiros, e cobria de um véo de prata os prados, as arvores e os montes.

Nesta deliciosa terra, onde veio á luz do dia o autor do romance— VIRGINIA OU O ESPECTRO DA CRUZ DE PEDRA, vê-se nas possessões dos monges de S. Bento, e em uma encosta de altas serras, uma pobre casa cercada de viçosos cafezeiros, entremeados de verdes larangeiras. Acima desta pobre casa coberta de velho sapé, uma cascata se despenha e passa a um lado da vivenda, espalhando ondas de espuma que se vão perder em uma planície beijada continuamente por crystallinos regatos, e coberta de viçosa relva.

Quem esperasse em frente desta habitação pelo recolher da estrella d'alva, veria, nessa hora em que a natureza parece reanimar-se e cobrar novo alento e nova força, descer do cume dos agigantados montes, enxames de maytacas, que em veloz adejo não pousar sobre uma roça de crescido *milharal*; veria nas multicores azas de innumeraveis aves, as cores da esmeralda, do vivo carmin, do candido jaspé, das saphiras, do luzente ouro, e do carregado ebano. Ouviria o grilo dos garbosos tocanos, o estridor das arapobgas, os gemidos das jurutys, e o cantico alegre de mil plumosos cantores. Vivendo então no seio da natureza, contemplando o deslizar de

um ribeiro, ouvindo a voz mysteriosa dos bosques, notando o innocente viver de seus alegres habitantes, e vendo mais além, na quebrada de um rochedo, passar uma de nossas luedas roceiras cantando festivamente, sem cogitar do futuro, esquecida do passado, e descuidosa do presente; d'ahi então voltando os olhos para a parte onde ficasse a cidade e suas altas torres, certamente que deploraria a cegueira de seus habitantes, e daria uma lagrima de compaixão á vaidade, presumpção, e á maledicencia de tantos fôfos e insufficientes cortezaes.

Mas, nesta hora sublime do silencio, em vez desse animado quadro que o despertar lhe mostraria, sentindo a alma oppressa sob o pezo de uma desconhecida tristeza, folgaria de identificar-se com a melancolia que em tudo notaria, e julgar-se-ia, em seu pensamento, o ouvinte dos mysteriosos contos que a lua parece relatar a taes deshoras.

E' pois alta noite.

Em frente da pobre casa, a fiel sentinella de taes logares, estende preguiçosamente a grossa cabeça por sobre os pés dianteiros, e faz ouvir de vez em quando um outro latido, que desaperccebido passa, e deixa continuar o silencio.

Eis que de repente, deixando a posição em que a apresentámos, ergue-se furiosa, e põe-se em acção de avançar, abanando a comprida cauda; e isto porque acaba de distinguir um vulto que para elle se adianta mysteriosamente,

— Abaixo, Tupy! bradou-lhe quem quer que é que acabava de chegar, vendo ante seus olhos o perigo eminente.

E o cão submisso se lança a seus pés, festejando-o alegremente.

Ao mesmo tempo ouvirão-se diferentes vozes, e em um momento o pequeno terreiro que se estende ante a pobre vivenda, foi occupado por uns vinte mancebos, outras tantas jovens, algumas crianças, e seus velhos pais.

— Silencio! silencio, meus filhos! disse o Sr. Manoel Cabiuna, tido entre os seus pelo decano dos layradores. Não é lá com essa barulhada, como se fosses papagaios, que deveis despertar ao nosso amigo Jataby.

— Tem razão o papi Cabiuna, disse uma das jovens roceiras. E' preciso que na vespera de S. João, se faça tudo debaixo de ordem.

— De-se-lhe primeiro uma surpresa de violão, acrescentou um joven espigado que trazia um tambor ás costas.

— Sim! sim! gritarão muitas vozes.

— Pois veja eu o que deba cantari, ponderou um dos velhos que fazia parte da comitiva. (*)

— Nada! Não queremos aqui modinhas do Fayali... disse o joven do tambor, imitando a voz e o sotaque do Sr. Antonio dos Tremóços.

— Cante a Sra. Anninha dos Coqueiros! bradou uma voz.

— Não! Não! Não! cante o moço da cidade!

— Sim! acrescentou a Sra. Anninha dos Coqueiros. Cante o hospede de pajai Cabiuna, porque é da escola da *militaria* e aprendeu a *malematica*!

— E' tal e qual! disse uma velha de saia regaçada aos lados. Quem te ouvi *falla*, hade dizê si não fô mudo, que tu aprendeu a *philosofia*!

Então fizeram um circulo, e collocáram no centro a personagem que láo a proposito aplacou a furia de Tupy.

Mas antes mesmo que elle tivesse tempo de harpejar em seu violão, arremecou-se no meio do circulo o Sr. Antonio dos Tremóços, e tomando uma viola que mais a proposito encontrou, pôz-se a cantar, ou antes a berrar como um bozerro, o seguinte:

Cando II-Rei perdeu a crôa

Fizeram uma de papeli;

Portuguezes querem Maria,

Hespanhões Dona Ijabeli.

Aiurum, aiurum, aiurum,

Mé tamvori faz vum, vum!

Os circunstantes desatárão a rir, e o Sr. Antonio dos Tremóços exasperado pelo recebimento de taes applausos, e querendo á todo o custo provar o seu merecimento, continuou ainda mais:

Biôla, minha biôla,

Biolinha, biolão,

Tuas cordas nan são cordas

São beias do coração.

Aiurum, aiurum, aiurum,

Mé tamvori faz vum, vum!

E no excesso do seu enthusiasmo, fez em pedaços a sua viola nas espaldas do primeiro que encontrou.

Uma gargalhada geral acolheu este ultimo feito, e o Sr. Antonio dos Tremóços sahii triumphante do meio do circulo.

Neste momento ouviu-se um pequeno rumor dentro da habitação: brillou por entrê as taboas desconjuntadas da janella os reflexos de uma luz penetrante, e algumas vozes bradarão:

— Vão abrir! Vão abrir!

E com effeito: a janella abriu-se, e apparecerão de improviso, o rosto pallido e tostado de um velho layrador, e o semblante alvo e delicado de sua filha. E enquanto que o Sr. Jataby apertava cordialmente a mão do seu amigo Cabiuna e dirigia seus cumprimentos á toda comitiva, a joven Ethelvina percorria com os olhos esse grupo de descuidosas gentes, e parecia buscar entre ellas a alguem que ainda não tinha visto.

Imagine o leitor, uma joven airoosamente desenvolvida nos seus quinze annos; dê-lhe o sentimentalismo profundo da heroína da rica produção — *Le Lys dans le Vallée* — de M. Balzac; conceba nesse todo, assim creado idealmente, a suavidade e a melancolia de uns olhares magneticos; revista-o de uma cutis delicada, de uns labios breves e como que não formados para a expressão da alegria; orne-lhe a sua frente de uns bastos cabellos negros, e tendo

(*) O leitor intelligente, facilmente conhecerá a necessidade que tivemos de descer a este estylo; pois certamente que desnatariaria o seu quadro o pintor que apresentasse um sol de prata ou uma lua de ouro.

composto a sua boca com uns bellos e alvissimos dentes; julgando então que o seu ideal sahira completamente formoso, e que nada lhe faltou para formar o exterior de um anjo, diga o leitor, que traçou inadvertidamente o retrato da nossa Ethelvina.

Dissemos que ella procurava ver a alguem que ainda não tinha visto; mas antes mesmo que pudesse satisfazer á sua curiosidade, senão ao seu desejo, o Sr. Manoel Cabiana, introduzindo dous dedos na boca sóltou um agudissimo assobio que surpreendeu-a, e desviou-a do seu intento.

— O, que é isto? perguntou o Sr. Jatahy admirado.

— Ides vêr! Ides vêr! respondeu o Sr. Cabiana. E poz-se em seguida a gritar descompassadamente.

— Gregorio!! O Gregorio!

— Já vou!... respondeu indistinctamente uma voz ao longe.

Então, a um grito do Sr. Cabiana toda a comitiva desapareceu correndo, e a joven Ethelvina viu-se só; porque a curiosidade levára também a seu pai após os fugitivos.

Foi nesse momento que um pensamento secreto compungiu o seu coração. Ella elevou os seus bellos olhos a Deus, e deixou que a fantasia a transportasse mysteriosamente para um novo Céu, creado unicamente por ella, e não amoroso cogitar de seus virgens pensamentos.

Assim impressionada, veio collocar-se ante a sua janella, onde o valente Topy deitou-se resolutamente a seus pés. Ella era o thesouro, e elle a sentinella.

Além ouvia-se um murmurio como que imperceptivel, produzido pelas vozes dos fugitivos roceiros. Acima de tudo, o Céu mostrava-se em toda a sua magnitude, bello e sereno! E a lua desferia raios tristes e suavemente melancolicos!

Quem sabe se nesse momento em que a linda donzella, deixando o seu pensamento vagar pelas regiões desconhecidas que ella mesmo creava, quem sabe se lá — bent longe — ella ia descortinar uma unica palavra, escripta talvez em uma perdida estrella bafejada pelas brisas do Céu? Quem sabe se essa palavra — amor — arrouba-

va os seus sentidos, e se ella assim isolada, notava em torno dessa mesina estrellá, mil vezes repetida ainda uma outra palavra que lhe pungia o coração, porque também o coração em cada palpar — saudade — repetia?

Podesse-se penetrar os reconditos pensamentos da mulher que aqua, desse ente todo sensibilidade, e nesse ponto superior ao homem, porque a sensibilidade é o doce característico da sua vida, e sua vida é toda notavel pelo — amor — doutrado élo que a encadeia a Deus, que certamente, o homem abyssnar-se-hia ao notar de mistura nesses pensamentos, tanta religião! tanto amor! e tanto fanatismo pela sua dedicacão a aquelle a quem ella escolheu para ser companheiro da sua peregrinacão na terra.

Mas a liberdade de penetrar em toda a parte, somente gosão os autores, e nós nessa qualidade, podendo transportar-nos para além desse véo impenetravel ao leitor, dir-lhe-hemos que, nesse instante a nossa Ethelvina erguera-se acima do commum, porque nesse instante os seus pensamentos a elevaram a Deus, e a elevação tão ferverosamente, que o seu desejo estava satisfeito, visto que para junto della alguem acabava de chegar, e uma voz repassada de ternura lhe dizia cheia de effusão:

— Encanto de meu Deus! Eis-me ainda aqui! Retardou-se o sacrificio, eu ainda não parti! Ah! se o gira-sol não pôde seguir outro rumo, senão depois que já não pôde avistar o seu astro protector, poderia eu deixar-te, eu, que te vejo sempre? Eu que neste momento, bastava que-rer, para poder vir aqui dizer-te: — E's a senhora, falla... a eternidade está ante nós, mas tambem o amar está em nossos corações!

Ethelvina nem pôde sóltar um grito de surpresa; estas palavras lhe partião direito ao coração e o enchão todo. Sómente prosternando-se, e erguendo os seus olhos ao Ser dos Seres, tomou a mão daquelle que acabava de chegar, e com a outra apresentado-o ao seu Creator, exclamou cheia de reconhecimento:

— Obrigada, Senhor! A vossa misericórdia é infinita.

(Continia.)

POESIA.

A ORFÃ E O SEU ANJO.

Orfã, sósinha no mundo...!
Vida assim será viver?
Para quem é desgraçado
A ventura é só morrer.

Ai de mim! Assim pensava!
No mundo triste vivia!
Até que do Céu um anjo
Me quiz fazer companhia.

Tu me disses-te—eu te amo—
Queres tu tambem amar-me?
Eu te dou meu coração;
Queres teu coração dar-me?

Mem coração, meu amor,
A ti gostosa entreguel;
Tu me juraste ser meu,
Tua p'ra sempre serei.

Desde então tudo mudou,
Sou feliz, quero viver!
Porque a teu lado, anjo meu
Achei vida, achei prazer.

Sou tão feliz, tão ditosa!
Eu sou tua e tu és mea!
Ambos sempre, sempre unidos,
Cá na terra e lá no Céu!

D. M. C. da Silveira Sequeira.

OREMOS, MINHA IRMÃ,

POESIA OFFERECIDA A MINHA IRMÃ D. CAROLINA CANDIDA LERACK DE SA'

Ma sœur, allons prier! — Vois, la nuit est venue.
Une planète d'or là-haut perce la nue:
La brume des coteaux fait trembler le contour:
A peine un char lointain glisse d'aux d'ombre. Ecoute!
Tout rentre et se repose: et l'arbre de la route
Secoue du vent du soir la poussière du jour!

VICTOR HUGO.

Oremos, minha irmã, sumiu-se o sol,
Por nossa boa mãe a Deus roguemos.
E' esta a campa fria ond'ella dorme
De joelhos, minha irmã, juntos oremos.

.....
.....
.....
.....
.....

Nesta hora faz um anno, Carolina,
Que nossa doce mãe perdeu a vida.
Tinha o sol s'escondido, como agora,
Como agora era tarde entristecida.

Sempre tenho presente, minha irmã,
Esse dia infeliz e angustiado,
Em que o anjo da morte piedoso
Feriu seu coração tão bem formado.

Parece vel-a zinda adormecida
Com os labios entre-abertos, que surrião,
Estes labios tão puros de minha mãe
Que tão santos conselhos me dizião.

Lembra-te, minha irmã, como seu rosto
Estava descorado mas tão bello?
A nossa pobre mãe nem parecia
Que da morte soffria o frio gelo!

Tão cedo, Carolina, ella morreu
Ainda te deixando tão moeinha;
Quanta dor não levou sua alma santa
Por de ti apartar-se, o irmãzinha!

Oremos, minha irmã, sumiu-se o sol,
Por nossa boa mãe a Deus roguemos;
E' esta a campa fria, onde ella dorme
De joelhos minha irmã juntos oremos.

Corte 5 de agosto de 1854.

Lerack de Sá.

MULHERES CELEBRES,

F

(Continuado do n. 27.)

FONTE-MODERATA, autora veneziana; nasceu em 1555, morreu em 1592. Escreveu: *Il merito delle donne*, onde elogia o seu sexo, e sustenta que as mulheres em nada são inferiores aos homens, quer no espirito, quer no valor. *Il fioridoro*, poema 15 cantos. Nicoláo Doglioni, na biographia que fez desta mulher, alança, provando com exemplos extrahidos da historia universal, ser *Fonte Moderata* um mero pseudonymo, sendo o seu verdadeiro nome *Modesta Pozzo*.

FRANCISCA D'APPONCOURT DE GRAFFIGNY, da academia de Florença, romancista e dramaturga; nasceu em Nancy em 1694, morreu em 1758. Escreveu: *Cartas peruvianas: Vida privada de Voltaire*; *Cenia*, drama; *A filha de Aristides*, comedia; *O meu exemplo*, romance, e muitas outras obras, entre as quaes se contão cinco comedias, cujos titulos são ignorados por terem sido escriptas para o imperador d'Austria, debaixo de condicão de nem um theatro, nem mesmo uma outra pessoa possuil-as. « *As cartas peruvianas*, diz La Harpe, immortalisarão a memoria da Sra. de Graffigny ainda mais do que a *Cenia*, a qual não passa de uma pequena parodia

dá Aia, comedia de Lachaussee, sem delle ter as lindas scenas e distribuições.... É o primeiro romance epistolar que se compoz em França. »

FRANCISCA ATRENAIS DE MONTEMART, marquesa de Montepan. Levada por seu marido á corte de Luiz XIV, enamorou-se o rei da sua rara belleza, e constituiu-se seu amante, tendo della oito filhos, entre os quaes o duque de Maine e a Sra. de Blois. Sua allivea e espirito intrigante a fazião odiosa e insupportavel; o rei enojado emfim dos attributos que a acompanhavão, já em palacio, já no seio de sua familia, abandonou-a, e retirou-lhe os favores de que ella tirava tão máo partido. Montepan, como quasi todas as mulheres de costumes desregrados e impudentes, foi terminar seus dias em um claustro, não deixando sua memoria illesa, e a coberto da critica reprehendedora.

FRANCISCA D'AUBIERRE, marquesa de Maintenon, uma das mulheres que representarão mais importante papel na historia de França; nasceu na prisão de Niort, onde seu pai estava encarcerado como protestante. Depois de ter, quer na America (onde passou sua infancia), quer em França, vivido na mais profunda miseria a ponto de guardar aves e gado, o que a fez graciosamente dizer: *Je commandai dans la basse-cour, e c'est par là que mon règne a commencé*; depois de haver abraçado o calvinismo, e ser logo catholica; desposou o poeta comico Pedro Scarron, para com quem preencheu todos os de-

versos de esposa, tornando cara a vida desse infeliz que vicia antevado em uma cadeira, fazendo as delicias desse mesmo que deixou estes versos para seu epitaphio:

« Passant ne faites pas de bruit,
« De crainte que je m'éveille;
« Car voilà la première nuit
« Que le pauvre Scarron sommeille. »

Morto o poeta, obteve ella com grande custo a continuação da pensão dada a seu marido, e em segredo foi encarregada da educação dos filhos de Luiz XIV e da marquezia de Montepan. Neste posto de confiança soube de tal modo captivar o coração do rei, que este, por ella afastado de Montepan, deu-lhe a terra de Maintenon erigida em marquezado, e desposou-a secretamente depois da morte da rainha (1685). Foi então que ella exerceu uma influencia desastrosa sobre os negocios politicos; attribuem-se com toda a justiça e razão as perseguições contra os jansenistas e protestantes, e a escolha de ministros ou generaes incapazes como Chamillart e Villeroy. Depois de fallecimento do rei, retirou-se ao hospicio de S. Cyr por ella fundado (1695), e ahí morreu em 1719. Ficárao desta mulher notavel, que tinha insurgido contra si os odios mais violentos da corte e do povo, *Cartas publicheas em 1807, 6 vols. in 12.*

(Continúa.)

BOLETIM MUSICAL.

« Somos na verdade muito preguiçosos, e nos achamos em grande falta, deixando de noticiar ás nossas amáveis leitoras o que ha occorrido no mundo musical. Os echos dos nossos salões repercutem mais de uma doce harmonia, e no entanto não nos havemos dado pressa de noticiar as bellas produções que hão sido publicadas. Na semana finda publicou-se uma lindissima valsa, com o nome querido e mais repetido hoje — A Chorton — e tanto em flauta, como em piano, é ella de uma bella execução. O *Bouquet das Pianistas* tambem nos seus ns. 8 e 9 publicou bem lindas musicas: — o noturno sentimental para piano, intitulado — *Lois de sa Patrie*, e a grande Valsa — A bella *Fluminense*, e *Brasileira*, valsa da infancia, são por sem duvida mimosas produções, bem dignas de serem acolhidas pelas nossas queridas e sempre amáveis leitoras.

Nesta Semana publicou-se o *Progresso musical* n.º 29 com a linda peça para piano intitulada — *Souvenir de petit enfant*, e tambem uma grande Valsa sobre motivos escolhidos da opera — A *filha do Regimento* intitulada — *As delicias do Baile*.

Qualquer destas duas musicas são de facil exe-

cução: a ultima principalmente é de um effeito maravilhoso.

A grande valsa, os *poetas Brasileiros*, escripta por uma distincta senhora (já tivemos occasião de fallar desta composição quando foi tocada no baile dos Militares) vai ser executada em grande orchestra no theatro de S. Pedro de Alcantara, sexta feira 18 do corrente niez, no beneficio de Ml.º Clotilde Favrichon que nessa noite dá um variado espectáculo portuguez e francez, com escolhidos intervallos que serão preenchidos pela beneficiada cantando um terno romance brasileiro, e pelo Sr. Francellino que nos deixará ouvir os mariosos sons da sua insignie rabeca, e o novo instrumento *Saxa-fone*. Háde por certo ser grande a concorrência dessa noite; nós desde já convidamos o mundo amador que não faite á este variado espectáculo, que o deixará satisfeito de haver protegido a beneficiada na carreira que corajosamente encetou.

Aproveitamos a occasião para darmos noticia da chegada de um habil pianista o Sr. Waiss, cuja admiravel e delicada execução já tivemos o gosto de apreciar em dias da semana passada.

Joanninha.

BOLETIM THEATRAL.

Comecemos pelo Provisorio. Apesar de todas as previsões agourelas, das thesouras aparadas, da luta das Rosinas e da rassurreição das noivas Lia e Rachel, tem estado animado, cheio de vida e de esperanza. A noite de terça-feira appareceu radiante com o *Barbeiro de Sevilha*. Se o verdadeiro barbeiro era um intrigante de primeira ordem, um *talentoso* arranjador de casamentos, e um excellente moço de recados, a opera não o foi menos. Mas emfim ella se ostentou nessa noite em todo o fulgor de sua belleza, em toda a graça de sua disposição, e em todo o encanto de sua protagonista.

M.^{me} Charton é um talento admiravel; artista consumada, soube nessa noite conquistar os mesmos applausos que tem obtido todas as vezes que se tem apresentado ao publico de nossa capital. A elegante pupilla do Dr. Bartholo encantou-nos do mesmo modo que a sonhadora *Suzanna* e a louca *Lucia*. Ella mostrou-se como sempre, graciosa, interessante, meiga e arrebatadora; dotada de uma flexibilidade de voz extrema, de uma vocalisação pura e melodiosa, na aria da terceira parte, houve-se por tal modo que não ficou na platéa coração que não pulasse, palma que não batesse. Realmente esteve admiravel, e, digamol-o de passagem, seu marido que foi acompanhá-la na frauta, em ausencia do Sr. Scaramella, desenvolveu uma agilidade, uma docura de sopro, uma habilidade tal, que desde logo gravou no espirito do nosso publico o documento irrecusavel de seu superior talento.

O Sr. Ferranti esteve como hade estar sempre, engraçado e elegante. O velho tutor, apaixonado nas suas inquietações reaes, no seu incomodo de espirito, em seus projectos amorosos e tentadores dirigidos todos contra a pobre da Rosina que não tinha culpa de que seus olhos lhe fizessem tanto mal, mostrou que em primeiro logar está sempre a arte, e que conhecedor de scena como é, não podia deixar de causar a mesma impressão agradável, de que tem dado tantas mostras. Sem contestação, são estes dous artistas os que melhor desempenhão seus papeis. M.^{me} Charton, em suas fingidas singelezas, em sua affectada innocencia, n' aquelle recato mentiroso, e na sua alegria de moça que é querida e que tem disso certeza; e o Sr. Ferranti, nos sustos que rapava em seus amores, pela sombra do mysterioso amante de sua Rosina, como Bruto pelo fantasma de suas visões, são os unicos que em perfeita comprehensão de seus papeis apparecem sempre

a publico com o titulo orgulhoso de seu merecimento real.

O Sr. D. Basilio estava falsificado em seu character, aquella sotaina parece que lhe rezava muito, e aquelle pontudo chapéo não podia deixar de encapora-lo.

O Sr. Alma-viva esteve morto algumas vezes, não sei se aos raios deslumbradores dos olhos de sua Rosina, esteve tropeço de mais e sem naturalidade de expressão para o gráo alcoolico de sua fingida embriaguez.

A Sra. Grimaldi, não me dirigirei senão com todo o respeito devido ás caus de seu papel. Estava um pouco tonta, porém tinha razão, que as pranchadas do Sr. Labocosta erão para desapontar o mais sisudo granadeiro do exercito de Frederico; quanto mais a uma simples 2.^a parte do batalhão das *cantatrices*!

O Sr. Barbeiro ou estava muito apressado por fazer a barba ao velho Dr. D. Bartholo, ou mal com o seu papel, ou o seu papel mal com sua pessoa. Entretanto a noite esteve magnifica, e só Deus sabe quantas Rosinas não andarão pelos camarotes a matarem tantas almas-vivas.

Passemos porém ao de S. Pedro, o D. *Cezar de Bazan* tem tido cheias. Entretanto ha um desenho imperdoavel na decoração dos papeis. Aparez disso a Sra. Montani não representou mal, e o Sr. João Caetano esteve sempre o Sr. João Caetano.

O theatro Francez vai superando as grandes difficuldades da falta de uma companhia completa que bem o represente. M.^o Clotilde Favrichon habilmente sustenta-o; mas os seus companheiros devião-na imitar.

Como se tem visto dos cartazes, temos tido espectaculos a *tres de fundo*. O *Joven Kist* e a *Gargalhada*, a *Italiana em Arjel* com seu *Telenuco*, tem preenchido a vacancia de algumas noites passadas na distracção de um logar aonde se reuñem moças.

Por outra o Lyrico, apesar das suas *thesouras*, vaj-nos dando bellos passatempos, e promete alguma cousa mais. O de S. Pedro vai navegando na calmaria podre da semsaboria das repelições e na monotonia *des les memes choses toujours*; e o Francez vai remando contra a maré. Isto é, a Sra. Charton está dando enchenes ao theatro Lyrico, o Sr. João Caetano vai passear ao Rio Grande a colher *palmas*, e a Sra. Favrichon vai fazer seu beneficio no theatro de S. Pedro na noite de 18 do corrente.

A primeira charada do n. 52 é: *Favorito*. Não damos aqui a decifração da segunda, porque, tendo sido impressa com alguns erros, reproduzill-a-hemos correcta no seguinte numero.

Acompanha este n.º 55 uma estampa com figurinos de estar em casa e de passeio.

Typ. do *Jornal das Senhoras*, RUA DO CANO N. 165.

